



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Faculdade de Educação

MICHELE PEREIRA DA SILVA

EDUCAÇÃO EM PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INOVADORA  
NO DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA – DF

MAIO/2022

MICHELE PEREIRA DA SILVA

EDUCAÇÃO EM PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INOVADORA  
NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Professor Orientador: Doutor Fernando Bomfim Mariana.

BRASÍLIA – DF

MAIO/2020

## TERMO DE APROVAÇÃO

MICHELE PEREIRA DA SILVA

### EDUCAÇÃO EM PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INOVADORA NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, pela seguinte banca:

---

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana  
Orientador – Faculdade de Educação – UnB

---

Prof. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues  
Faculdade de Educação – UnB

---

Prof. Dra. Caroline Bahniuk  
Faculdade de Educação – UnB

---

Historiadora Lilian L'Abbate Kelian  
CENPEC Educação

Brasília, 03 de maio de 2022.

Para todos os profissionais da educação que lutam por uma educação como prática da liberdade para a construção de um mundo mais justo e democrático.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais a qual me guiaram pela vida de modo que eu pudesse realizar as melhores escolhas me apoiando em todos os sonhos e me proporcionando todo o suporte para chegar onde cheguei, sem eles nada seria possível.

A todos os amigos e familiares que acreditaram no meu potencial e sonharam junto comigo o sonho de estar nesta universidade.

Ao cursinho preparatório Vestibular Cidadão – VC, que me proporcionou a melhor preparação para o vestibular para ingresso na Universidade de forma gratuita, foi através desse cursinho que o sonho de estar na UnB foi concretizado.

Aos colegas da educação que tive o prazer de conhecer na universidade e que juntos tivemos a oportunidade de pensar em uma educação de qualidade para prática da liberdade, através das vivências, das práticas e do compartilhamento.

Ao Projeto de Extensão Autonomia, que me proporcionou uma experiência pedagógica inovadora através dos debates e continuas reflexões sobre uma educação significativa e libertária.

E por fim, um agradecimento especial ao meu orientador e professor Fernando Bonfim, que me apresentou o projeto autonomia e me proporcionou muitas experiências educacionais significativas dentro e fora da universidade que mudaram minhas perspectivas sobre o processo educativo, me incentivando aos contínuos processos reflexivos para transformar a educação.

Muito obrigada!

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos”

- Rubem Alves

## RESUMO

O início do ano de 2020 marcou a humanidade devido a pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 que trouxe impactos nos diversos campos da sociedade, como os sociais, econômicos, políticos e culturais. Com a pandemia, o mundo se viu diante de um cenário de incertezas e mudanças constantes, nesse momento não apenas evitar o contágio era o essencial, mas também organizar-se a partir da realidade apresentada para o funcionamento da sociedade. No Brasil, houve uma forte crise em que apresentou de forma latente as desigualdades sociais que até então eram ignoradas, assim como, a educação mostrou lacunas existentes que dificultaram o pleno desenvolvimento da educação evidenciando que o investimento tem sido insuficiente para dispor de uma educação de qualidade aos alunos. No entanto, a compreensão de uma educação de qualidade, vai além do investimento nas instituições de ensino, sendo necessário que a educação proposta tenha como princípio uma educação inovadora para prática da democracia. Partindo desse exposto, este trabalho irá apresentar o histórico e os impactos da pandemia da Covid-19 na educação brasileira e no Distrito Federal, relacionando tal cenário a experiência de estágio em uma instituição de ensino com proposta de educação inovadora explorando se está escola manteve seus princípios da prática educativa proposta em seu PPP diante do cenário de ensino remoto.

**Palavras-chave:** Pandemia, Covid-19, Educação Inovadora.

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>MEMORIAL</b> .....   | <b>8</b>  |
| <b>2</b>   | <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>14</b> |
| <b>3</b>   | <b>EDUCAÇÃO NA PANDEMIA</b> .....   | <b>16</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Escolas de portas fechadas</b> .....   | <b>16</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Impactos da pandemia da Covid-19 na Educação Brasileira</b> .....  | <b>17</b> |
| <b>3.3</b> | <b>Impactos da Covid – 19 na Educação do DF</b> .....   | <b>21</b> |
| <b>3.4</b> | <b>Orientações do DF para o ensino não presencial</b> .....   | <b>23</b> |
| <b>4</b>   | <b>EDUCAÇÃO INOVADORA EM UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO NA PANDEMIA</b> .....  | <b>26</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Eixos para educação inovadora</b> .....  | <b>26</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Projeto Autonomia: uma vivencia em extensão</b> .....  | <b>31</b> |
| <b>5</b>   | <b>EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL INOVADORA EM PANDEMIA: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ASSOCIATIVA VIVENDO E APRENDENDO</b> ..... | <b>34</b> |
| <b>5.1</b> | <b>Escola Vivendo e Aprendendo – Breve histórico</b> .....  | <b>34</b> |
| <b>5.2</b> | <b>Diário de bordo – Uma experiência em educação inovadora na pandemia</b> .....                                      | <b>39</b> |
| <b>6</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>44</b> |
| <b>7</b>   | <b>PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS</b> .....   | <b>46</b> |
| <b>8</b>   | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | <b>47</b> |



## 1 MEMORIAL

Escrever este memorial sobre a trajetória da minha vida na educação traz um misto de sentimentos. Foi uma trajetória longa e gratificante para chegar até o dia da apresentação do meu TCC, com muitos acontecimentos marcantes em minha vida. Ao longo deste memorial, será apresentado um pouco da minha história.

Meu nome é Michele, nasci em Brasília e sou filha única dos meus pais. Minha mãe veio de uma cidade da Bahia, aos 14 anos de idade e desde então se apaixonou por Brasília e permanece até hoje. Já meu pai é nascido e criado em Brasília e os dois tem um casamento de 24 anos.

Vim ao mundo precocemente e com isso, minha mãe teve de terminar os estudos assim que comecei a andar e falar. Este foi o meu primeiro contato com a educação, pois ia junto com minha mãe para as aulas no turno da noite. Nessa época, eu tinha apenas 3 anos de idade, mas o ambiente escolar ainda está vivo em minha mente. Minha mãe conseguiu com esforço e muita dedicação terminar o ensino médio ainda na adolescência, e depois de muitos anos ingressou no nível superior e concluiu o curso de serviço social. É muito gratificante presenciar sua luta para continuar a estudar, pois é através da educação conseguimos transformar a nossa realidade.

Meu pai, pelo contrário não conseguiu terminar o nível básico de ensino, mas com muito trabalho e esforço se dedicou para que as mulheres da família pudessem construir o próprio futuro através da educação.

Iniciei aos 4 anos de idade na Educação Infantil em uma escola pública, próximo a minha casa. Lembro-me bem do primeiro dia de aula e do primeiro passeio de boas-vindas para o zoológico de Brasília, para mim que nunca tinha ido ao zoológico foi algo mágico, pois desde essa época lembro de ser apaixonada por animais. E assim as minhas primeiras memórias afetivas da educação foram sendo criadas.

A escola era simplesmente incrível! As vivências com os professores, as atividades propostas era tudo muito lúdico e divertido. As salas eram muito coloridas e a escola tinha muitos ambientes com brinquedos onde pude me divertir e cultivar muitas amizades para qual levo a para a vida.

Depois de uma experiência gratificante nesta escola, ingressei no Ensino Fundamental em outra escola próxima, onde permaneci do 1º ano 5º ano. Esta escola foi muito significativa para a minha formação, pois me recordo do primeiro contato com os livros paradidáticos e didáticos que lia, e cada vez mais me apaixonava pelo mundo da leitura e das gravuras, gostava muito de reescrever as histórias através dos desenhos e da pintura, sempre achei esse momento mágico.

O início da alfabetização tenho lembranças de me sentar juntamente aos meus colegas em um tapete emborrachado onde nos era apresentado as letras de forma muito lúdica. Não lembro o momento exato que comecei a ler, mas tenho algumas recordações desse processo, e todas essas lembranças são mágicas.

Apesar de ter um jeito tímido que me acompanha até hoje, isso não impediu que eu me destacasse nas aulas. Meu processo educativo não foi algo cobrado, mas todo o aprendizado me ocorreu de forma fluída e paciente, e por ter concretizado laços afetivos com a escola e com a educação que me foi presenteada, tenho lembranças profundas a qual me acompanham até hoje.

No entanto, lembro-me que as interações se limitavam a sala de aula entre alunos. Não me recordo de haver espaços de interação através de atividades propostas pela escola, exceto aos finais de ano onde havia o encerramento com a noite do pijama, onde íamos dormir na escola como despedida do ano.

Após o fim do 5º ano, fui para o Fundamental II em outra escola. Tive o privilégio de estudar em escolas próximas uma da outra, e com isso os amigos continuam os mesmos, ou seja, todos costumam ir para a mesma escola. Nesse período se inicia a temida época da adolescência, e que época complicada. Admiro muito os profissionais que trabalham com adolescentes, pois é necessário muita didática, paciência e afeto para lidar com essa transição para a vida adulta.

Como qualquer adolescente, comecei a descobrir o mundo. Quis sair com os amigos, me sentia cansada de assistir aulas e as vezes achava a escola um tédio, a adolescência é um turbilhão de sentimentos novos, da necessidade de ser alguém diferente e de ser notado, queremos achar o nosso lugar no mundo e todo esse processo é doloroso e confuso, mas também é um momento único que deve ser vivido.

Graças aos bons professores do fundamental II, continuei fortalecendo meus vínculos afetivos com a educação. Lembro-me em especial de dois professores que me marcaram muito nesse período: professora Maura de língua portuguesa e professor Jeová de matemática. A professora Maura tinha muita paixão pela disciplina que lecionava, e criou um projeto de leitura onde ao final de cada livro lido, conversávamos de forma individual sobre a história, como um clube do livro. Cada livro era maravilhoso, e eu me sentia confortável e acolhida pela leitura. Foi através dessa prática que até hoje tenho hábitos de leitura contínuos, e os livros me auxiliam no meu processo criativo além de aumentar o meu repertório linguístico.

Já o professor Jeová de matemática, foi um dos professores mais brilhantes que percorreram na minha trajetória. Esse professor alimentava o meu desejo de aprender me desafiando a ultrapassar a barreira das dificuldades que era de aprender a matemática. Sabemos que o ensino de matemática é um desafio para os professores, pois é necessário que a didática seja inclusiva de modo que todos aprendam de modo efetivo, e salvo casos particulares a maioria dos alunos aprendia com sua didática.

Ao fim do meu Ensino Fundamental II em 2013, eu ainda não sabia que profissão seguir. Eu não conseguia ter uma visão ampla do que eu queria fazer na vida após o Ensino Médio, pois apesar de ter tido experiências positivas com a educação, até o momento, nenhuma escola havia criado um espaço contínuo de reflexão sobre que destino seguir. Mas eu sabia que iria ingressar no nível superior.

No início do Ensino Médio, comecei a me sentir um pouco pressionada a tomar uma decisão. É muito comum receber perguntas de pessoas próximas sobre “que faculdade você irá fazer?” E essa perguntava costumava me deixar ansiosa e com medo. Mas com o tempo, comecei a ter clareza do que eu queria.

Na 2ª série do EM, em um certo período do ano letivo, comecei a concretizar o curso de graduação que queria fazer. De início, até chegar a 3ª série, estava convicta que queria ser interprete de libras, pois essa profissão me encantava de diversas formas, pois gostaria de aprender uma nova forma de se comunicar e assim contribuir para a comunidade surda. Com isso, pesquisei sobre graduações voltadas ao ensino de libras e eu tinha duas possibilidades: pedagogia ou graduação em libras. Mas, até esse momento eu não tinha expectativas para ingressar na UnB. Eu, oriunda de escola

pública e moradora do entorno do DF, achava impossível competir com outros alunos de escolas particulares. E com isso, concretizei que tentaria uma faculdade particular. No entanto, no ano de 2016 minha visão sobre a graduação mudou radicalmente.

No último ano de Ensino Médio, ingressei em um cursinho preparatório para o vestibular da UnB. Vestibular Cidadão, alimentou em mim o sonho de fazer parte de uma universidade pública. Este cursinho é voltado para pessoas de baixa renda e oriundos de escola pública que não podem pagar por um preparatório em instituições particulares, pois o custo é muito elevado e através de uma prova é realizado a seleção dos alunos. O projeto é realizado por sua maioria alunos e formados de cursos da UnB que ministram as aulas de diferentes matérias que fazem parte do vestibular.

Tive a oportunidade de estudar por 2 semestres no ano de 2016. E após várias conversas com o psicopedagogo do cursinho, por fim cheguei à conclusão que iria fazer pedagogia para ser interprete de libras. Foi um período muito difícil, pois fazer o vestibular trazia um turbilhão de emoções difíceis de lidar, ainda mais no fim da adolescência. Mas apesar do medo, do cansaço e das angustias diárias por fim passei em primeira chamada no curso de pedagogia através do PAS – UNB, e todos aqueles sentimentos ruins desapareceram e no lugar havia um sentimento de euforia, alegria e de gratidão por ter conseguido. Daquele ano em diante eu sabia que a minha vida iria ser transformada através da educação.

Ingressei na UnB logo no ano seguinte ao Ensino Médio, em 2017. O primeiro ano foi desafiador pois era uma experiência completamente nova em minha vida, e eu sentia o peso que era está em uma universidade pública em uma instituição com uma das melhores educações do país e eu sentia muita felicidade, mas ao mesmo tempo muita insegurança de não conseguir permanecer na UnB.

Mas com o tempo me adaptei a rotina da graduação e pude aproveitar a universidade dentro das minhas possibilidades. Tive o prazer de conhecer professores maravilhosos e aproveitar o que cada disciplina tinha a me oferecer, pois sempre priorizei realizar o máximo de disciplinas ofertadas pela FE para potencializar a minha formação.

Desde o ingresso na universidade estava ansiosa para ter a minha primeira aula de libras, e apesar de ter aprendido sobre a comunidade surda, sua história e a forma de comunicação, não me despertou interesse ao ponto de prosseguir nesta

área, e nesse momento me senti frustrada, pois vinha a algum tempo alimentando esse desejo de seguir na área de língua de sinais, mas infelizmente não me despertou interesse. Mas, continuei descobrindo minhas potencialidades nesse caminho e me permitindo aprender até o momento que iria me encontrar em alguma área da educação.

Nesse período, decidi que gostaria de ter contato no campo profissional em diferentes áreas que o pedagogo pode atuar, não se restringindo apenas a sala de aula. Por alguns estágios que passei, desenvolvi o lado pedagógico mais que outros, mas no final aprendi com todas as experiências que me ajudaram a concretizar o meu futuro na educação.

No ano de 2019, quando estava realizando o 5º semestre, tive a oportunidade de conhecer o professor Fernando Bomfim que me apresentou a educação por uma perspectiva inovadora. Logo na primeira disciplina sobre Orientação Educacional, percebi que a forma pela qual o professor enxergava a educação era peculiar e nenhum outro professor até então havia me apresentado a possibilidade de conhecer uma educação libertária fora da pedagogia tradicional. Durante as aulas quando o professor me apresentou as diferentes escolas no DF que tinham uma corrente de educação para autonomia, fiquei encantada, pois esse tipo de educação estava apenas no meu imaginário e nos artigos que lia. E nesse momento decidi que gostaria de me aprofundar mais sobre essa forma de educação.

Professor Fernando me fez o convite para participar no projeto de extensão autonomia, e através desse projeto tive a oportunidade de conhecer diferentes escolas no DF e isso fez com que eu olhasse para a educação com mais sensibilidade e que acreditasse que é possível transformar a realidade social através da educação. Pois presenciei nessas escolas pela qual passei, muitos professores e gestores empenhados para fazer uma educação significativa e de qualidade para crianças, não se limitando a mera exposição de conteúdo, mas possibilitando aos alunos ambientes de aprendizagem onde os próprios constroem seu processo de aprendizagem a partir da experimentação.

A partir desse momento a educação fez mais sentido em minha vida, e eu sabia que estava onde deveria estar e que poderia também transformar a educação. Por mais que a luta seja difícil, nós não devemos parar, pois promover uma educação

de qualidade que mude a realidade social de cada aluna é gratificante. E assim, decidi que trilharia o meu percurso na graduação me baseado na concepção de educação como prática da liberdade (Paulo Freire, 1967).

Trilhei boa parte da minha graduação, participando do projeto autonomia e fazendo as disciplinas obrigatórias de projeto com o professor Fernando Bomfim, e ao pensar em tema para o TCC não me via escrevendo sobre outro assunto a não ser sobre a experiência significativa que tive durante esses semestres com os projetos. No entanto, iniciou-se a pandemia, e esse foi um momento histórico para todos os campos da sociedade, principalmente para a educação. E com isso, decidi que o meu tema de TCC não seria apenas com o objetivo de obter o certificado de licenciada em pedagogia, mas seria um registro da minha vivência e concepção sobre a educação inovadora no contexto de pandemia, e esse TCC ficará registrado para a minha família e futuras gerações, contribuindo como uma memória sobre o período pandêmico na educação.

## 2 INTRODUÇÃO

Diante do cenário atual na qual o Brasil se encontra, a educação brasileira teve de se reconstruir para garantir o acesso a uma educação de qualidade aos alunos, com isso a mobilização de escritos sobre esse período foram aumentando a cada dia, e com isso, o meu interesse sobre entender a educação que vinha sendo realizada nas escolas neste período de pandemia, me despertaram interesse para a escolha do tema desse TCC.

Pensei em todos os temas que poderia escrever, afinal, tive a oportunidade de ter contato com diferentes disciplinas e excelentes professores que apresentaram várias áreas da educação, no entanto, fui surpreendida durante a graduação com o início da pandemia, e hoje passados 2 anos, boa parte do meu ensino superior foi no formato EAD até mesmo minhas experiências de estágio obrigatório. Com isso, senti que a minha forma de contribuir com a educação como estudante de pedagogia seria escrever sobre esse período que ficará marcado na história da educação brasileira.

Sendo assim, realizei a correlação sobre os impactos da pandemia na educação brasileira e do Distrito Federal com minha experiência no estágio obrigatório realizado em formato remoto na Escola Vivendo e Aprendendo que tem como seu objetivo construir a autonomia do aluno a partir de uma educação inovadora para prática da democracia. Me perguntei: Será que escolas que propõem uma educação significativa para a construção da autonomia de alunos continuam sendo inovadoras no ensino on-line? E assim, iniciei minha escrita fundamentada nesse questionamento.

Tive a possibilidade de ter contato com a escola por meio do Projeto de Extensão Autonomia, que me apresentou uma nova perspectiva de educação dispondo de um espaço de diálogo onde seus integrantes compartilham suas experiências em instituições de educação pública e privadas parceiras com viés educacional inovador. A partir desse projeto, meus horizontes se expandiram e com confiança em todo o conhecimento adquirido minha curiosidade foi alimentada e pude me aprofundar neste universo da educação e desconstruir pensamentos já concebido e construir novas bases educativas para minha formação enquanto estudante e futura pedagoga.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho será apresentar os impactos da Covid-19 na educação brasileira com foco no Distrito Federal vinculada a experiência no estágio obrigatório em uma escola com pedagogia inovadora, analisando se a escola obteve êxito no ensino de seus alunos durante o ensino remoto.

O desenvolvimento desse trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado o tema sobre educação em pandemia no contexto geral do Brasil apresentando os impactos causados com o fechamento das escolas e como as instituições de ensino foram se organizando para o retorno as aulas no formato remoto. Partindo do contexto geral, será apresentado a organização do DF em relação ao ensino, dispo do da análise de documentos norteadores disponibilizados pelo GDF com orientações aos professores e alunos. No segundo capítulo, será apontado os eixos essenciais para uma educação inovadora baseado no autor Edgar Morin (2019) e em seguida apresentando o Projeto Autonomia e como essa extensão se organiza e qual seu objetivo na formação dos alunos de licenciatura e para as escolas. Já no terceiro e último capítulo, irá tratar-se sobre a Escola Vivendo e Aprendendo expondo meus registros realizados no diário de bordo durante o período de estágio obrigatório no formato remoto.

Diante dessa sistematização para apresentar o tema, buscasse trazer nas considerações finais conclusões advindas da experiência na escola Vivendo e Aprendendo durante o ensino remoto bem como apresentar as memórias e aprendizados adquiridos durante o tempo vivenciado no Projeto de Extensão Autonomia que contribuíram para o olhar sensível e atento para análise da escola.



### 3 EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

#### 3.1 Escolas de portas fechadas

No ano de 2019, o mundo se viu diante de um vírus que foi nominada de COVID19 que é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-COV-2, potencialmente grave e que tem sua taxa de disseminação extremamente elevado, levando as pessoas a terem sintomas da infecção de forma assintomática, leve, moderada, grave ou crítica, sendo necessário nos casos críticos a necessidade de internação hospitalar.

A OMS no dia 30 de janeiro de 2020 em plena quinta-feira, declarou que o contágio da COVID-19 se tornará uma emergência de saúde pública internacional, devido ao aumento do número de infectados pelo mundo sendo que grande parte adivinha da China. Pouco tempo depois, no dia 11 de março de 2020 o Ministério de Estado de Saúde, dispõe sobre a regulamentação operacional do dispositivo na Lei nº 13.979, que estabelece as medidas para o enfrentamento da infecção humana causada pelo coronavírus (BRASIL, 2020). Em seu art. 3º da portaria nº 356, de 11 de março de 2020 visa que “A medida de isolamento objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e laboratorial, de maneira a evitar a propagação da infecção e transmissão local.” (BRASIL, 2020).

Tendo em vista que a contaminação se dá por meio de contato entre as pessoas que pode ser direta ou indiretamente, secreções ou gotículas expelidas por pessoas no momento da fala, tosse e espirro ou qualquer outra ação que libere tais fluídos, é necessário que as pessoas protejam a boca, nariz ou olhos e mantenham a distância mínima de 1 metro de distância.

Sendo assim o Ministério da Educação também teve de planejar estratégias para prevenção do contágio da Covid-19 tendo em vista que o ano letivo dos alunos de diferentes estados da federação se iniciaria. Era possível que os alunos retornassem as escolas com a sua própria segurança e de sua família?

Desde o início da pandemia, notou-se que pessoas mais velhas são mais propensas a serem contaminadas, e com o passar do tempo o índice de crianças e jovens próximos a essa faixa etária cresceram de forma alarmante. Sendo assim,

permanecer em aulas no formato presencial, colocaria em risco não só a vida das crianças, mas também de seus familiares mais velhos.

Com isso, em março de 2020, as aulas em todos os estados brasileiros foram suspensas no formato presencial. No entanto, para que os alunos não fossem prejudicados e fosse cumprido o que prevê no art. 31 da Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394/1996) sobre os 200 (duzentos) dias de trabalho educacional, as aulas foram mantidas em formato remoto tendo em vista que a LDB já previa a possibilidade de ensino a distância em casos emergenciais (PEREIRA et al. 2020).

No dia 19 de março de 2020, o MEC através da publicação da Portaria nº 345, dispõe que:

Art. 1º Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020).

No entanto, é possível notar que tal resolução faz menção apenas ao ensino superior. E assim, professores de educação básica continuavam sem saber que caminhos seguir para iniciar o ano letivo. Mas no dia 18 de março o CNE - Conselho Nacional de Educação, publica uma nota de esclarecimento que considerando o avanço da pandemia no Brasil, seria necessário a suspensão das aulas presenciais tanto no âmbito da educação superior quanto na educação básica. (BRASIL,2020).

E assim, se iniciou uma corrida contra o tempo de educadores para que a educação fosse garantida a seus alunos conforme previsto na Constituição Federal, mas a sensação de um futuro vago com uma realidade extremamente triste deixou os educadores incertos das decisões, visto que a educação até o presente momento não havia sido impactada de forma tão intensa. E é nesse contexto que se inicia o ano letivo de 2020.

### **3.2 Impactos da pandemia da Covid-19 na Educação Brasileira**

Não demorou muito para que as desigualdades sociais fossem escancaradas perante a sociedade. Em todos os âmbitos da sociedade a segregação de ricos e

pobres evidenciou uma realidade que vinha sendo construída a muitas décadas em nosso país.

O investimento em educação no Brasil, é insuficiente. A falta de investimento na educação aumenta a desigualdade social entre as crianças e adolescentes, os deixando vulneráveis. Como consequência da educação insuficiente há o alto nível das taxas de desemprego, escassez de moradia, acesso a saúde de forma precária, aumento da taxa de violência entre tantos outros problemas sociais que podem se agravar devido à falta de investimento nessa área. Sendo assim, para que possa haver mudanças de forma significativa, é necessário que haja um plano consistente de comprometimento contínuo com a educação, e caso não ocorra, daqui anos a educação ainda será parecida com o hoje e com 10 anos atrás.

A necessidade de se manter as aulas em formato remoto, mostrou ainda a realidade de muitas famílias brasileiras que tem seus filhos em escolas públicas: a falta de acesso à internet.

Uma pesquisa no ano de 2020 levantada pelo TIC domicílios que realiza pesquisas anualmente para mapear o acesso a TIC (Tecnologia da Educação e Informação) de indivíduos a partir dos 10 anos de idade, apontou que há cerca de 152 milhões de usuário de internet no Brasil, que corresponde a 81% da população nesta faixa etária. (CNN BRASIL, 2021)

É apontando que o aumento de uso da TIC teve uma elevação comparada ao ano de 2019, tendo em vista o início da pandemia, já que tanto em escolas como em diversas empresas houve a necessidade da utilização do meio remoto para realização das atividades essenciais.

Um ponto importante dessa pesquisa, é que a maioria dos conectados à rede são jovens, e que estes jovens representam a classe econômica mais favorecida em todo o país. No entanto, esses dados não apresentam a realidade das crianças e adolescentes ingressos em instituições públicas de ensino.

Uma pesquisa do IBGE revela que 4,3 milhões de estudantes no Brasil não tinham acesso à internet para o ensino remoto, e desse total cerca de 4,1 milhões são alunos oriundos do sistema público de educação. Estes dados foram levantados pela Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD, no último trimestre de 2019

e divulgado no mês de março de 2020, no início da pandemia. Dentre os motivos pela qual os alunos não têm acesso à internet, está vinculado a alto custo do serviço de internet e a disponibilidade desse produto. (BRASIL 61, 2021).

Ainda há dados mais específicos acerca da desigualdade de acesso à internet em diferentes regiões do Brasil. As regiões menos favorecidas estão concentradas o percentual de 68,4% e 77% referente as regiões Norte e Nordeste, respectivamente. Já as demais regiões do Brasil, se concentra de 88,6% a 91,3% de jovens que tem acesso à internet. É notório que além das desigualdades sociais também temos as desigualdades regionais que também se vinculam a falta de investimento em educação. (BRASIL 61, 2021).

Escolas particulares, em geral, já tinham em sua proposta pedagógica a utilização de meios digitais para a educação dos alunos, e assim estas instituições souberam reformular de forma mais ágil o retorno as aulas em ensino remoto, tendo em vista que 95% dos alunos em todas as grandes regiões que tem acesso a TIC são de escolas de ensino privado.

E é nesta realidade pandêmica que as desigualdades sociais ficaram evidentes. Para que os alunos pudessem ter acesso à educação, muitos professores realizavam um trabalho duplo, planejando tanto as aulas remotas para alunos com acesso à internet quanto para alunos que necessitavam de ir as instituições para retirar o material em formato impresso. E assim, professores trabalharam de forma exaustiva para que a educação desses alunos sofresse menos impacto que já estavam sofrendo, e infelizmente não foi o suficiente para mantê-los na escola, e como consequência ocorreu o aumento na evasão escolar e os que permaneceram apresentam um nível de defasagem de aprendizado elevado.

Além dos problemas relacionados ao acesso à internet, a formação dos professores para que o ensino à distância pudesse acontecer não ocorreu de forma plena. E o questionamento levantado é que o simples acesso à tecnologia não significa que o professor terá a didática para ensinar utilizando tais recursos, sendo assim a formação docente passou a ser um ponto essencial para que o ensino pudesse acontecer.

Nesta relação entre tecnologia e educação, Perrenoud (2000, p. 14) destaca que “a transposição didática não é imediata, ou seja, o fato de o docente ser usuário

de tecnologias digitais não garante que ele fará uso pedagógico dos seus conhecimentos com seus alunos”. É necessário que os professores tenham formação necessária para o letramento digital que lhe possibilitem domínio e apropriação da tecnologia para que estes tenham condições para modificar suas práticas pedagógicas com intermediação da didática para o ensino de forma remota.

É fato que nem todos os professores e professoras tiveram formação ou alguma experiência anterior com ensino a distância, ou, com uso de tecnologias digitais como recurso didático, como o farão agora, em meio à tensão própria do momento em que vivemos? (MONTEIRO, 2020, p. 245).

A formação de professores nos cursos de licenciatura não contém em seus currículos muitas disciplinas sobre saberes tecnológicos, e agora mais do que nunca é necessário que as instituições de nível superior apresentem em seus currículos uma vinculação dos conteúdos base da educação com o uso de tecnologias.

E neste cenário foi essencial a relação família e escola, o que de uma certa forma nos levanta diversos questionamentos. Como haveria o contato direto com as famílias através do meio digital? Como seriam realizados os diálogos acerca do aprendizado do aluno em sua casa? Como os pais poderiam colaborar para a educação de seus filhos? Muitos tantos outros questionamentos poderiam ser feitos, mas as respostas ficarão em aberto, pois haveria um leque de respostas possíveis.

A educação dos alunos que vinha sendo travada por objetos tecnológicos e formação escassa dos professores agora também tinha outro lado: a mediação entre a educação fornecida pelo professor que passaria a ter o auxílio dos responsáveis dessa criança. E assim tal discussão tomou rumos que eram previsíveis e professores e famílias começaram a se queixar e desabafarem a dificuldade de acompanhar a educação das crianças, queixas principalmente dos responsáveis, pois se antes o aluno era apenas “enviado” a escola hoje a escola estava presente dentro de casa, e por hora era necessário auxiliar estes alunos com o conteúdo orientado pelos educadores.

Os responsáveis, assim, estão vivendo em parte a realidade de seus filhos na escola. Será que após o retorno dos alunos para o ensino presencial, haverá maior valorização das instituições de ensino e dos professores? A escola retornará a ser um

“deposito” de crianças? O que esperamos é que com o retorno do ensino presencial possamos responder essas perguntas, e que estás tenham respostas positivas.

Ainda é muito incerto falar sobre os impactos que as próximas gerações sofrerão. Isso porque o que estamos vivenciando hoje, ainda é um desafio diário a ser enfrentado por todos aqueles vinculados a educação, e todo esse percurso é incerto, pois tomar decisões sem experiência significa caminhar de olhos fechados, e as decisões que estamos tomando hoje irá refletir no futuro de forma positiva ou negativa.

A pergunta que devemos fazer é: educar com qual objetivo? O objetivo não deve ser apenas para cumprir o que está previsto no calendário escolar ou responder aos desejos do governo. A educação em tempos difíceis deve haver intencionalidade para criar um ambiente de possibilidades em que o aprendizado não seja apenas para saberes curriculares, mas também que essa educação seja significativa e que o aluno tenha uma tomada de consciência para se tornar um indivíduo ativo para a transformação social.

Professores foram grandes combatentes nessa luta para o acesso à educação em tempos de pandemia. Esse cenário foi um convite para que educadores reinventassem o seu modo de ensinar, sendo esse processo já é realizado há muito tempo, no entanto não em um cenário tão atípico. Para que se tenha profissionais que sejam capazes de ensinar é necessário que haja questionamentos sobre a própria prática educativa a partir de pensamentos reflexivos, com o objetivo de construir ambientes de aprendizagem que possibilitem alunos na construção de sua autonomia e identidade, características essas tão importantes para tomada de consciência em tempos pandêmicos.

### **3.3 Impactos da Covid – 19 na Educação do DF**

Assim como todos os estados e municípios o Distrito Federal também teve que se reinventar sua educação, criando estratégias de ensino se utilizando do uso de TIC como recursos tecnológicos e plataformas digitais que causam grandes transtornos no início de sua implementação.

O DF já havia elaborado no mês de fevereiro um plano de contingência para o combate do Covid-19, no entanto houve a necessidade de um plano estratégico de

resposta ao avanço da contaminação, e com isso foi publicado o decreto nº 40.509 no dia 11 de março de 2020 para o controle e contenção dos riscos que define a suspensão de atividades educacionais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada. (BRASÍLIA, 2020).

No entanto, essa suspensão temporária que era prevista para 5 dias se estendeu por um longo período, e assim, até o dia 5 de abril de 2020 as aulas ficaram completamente suspensas, pois até este momento as decisões ao retorno das aulas eram incertas, ainda não havia previsão se as aulas seriam retomadas ou se seria necessário organizar um plano estratégico para que fossem realizadas em outro formato.

Reformular uma nova forma de ensinar em um momento de tantas incertezas e sem infraestrutura de recursos pedagógicos e tecnológicos para implementar o ensino a distância foi um desafio, como estratégia, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), antecipa para 16 de março até o dia 05 de abril o recesso escolar previsto para julho, com expectativa de reinício das atividades escolares em 06 de abril (NAKATA, 2020, p. 76).

No entanto o retorno a escola mais uma vez foi prorrogado, pois infelizmente o número de contaminados e de óbitos aumentava a cada dia, e o risco de sair de casa e ser contaminado era extremamente elevado, fazendo com que apenas os comércios essenciais funcionassem durante muitos meses. O isolamento social se fez necessário, mas apenas o isolamento não foi o suficiente para diminuir o contágio, até porque a realidade do trabalho remoto infelizmente não é a realidade de muitos brasileiros, que diariamente enfrentam transportes públicos lotados para poder garantir o sustento de sua família.

Sendo assim, a solução encontrada para o início das aulas foi recorrer as plataformas digitais. A implementação da plataforma *Google for Education*, conhecida pelos alunos e professores como Google sala de aula não foi tão simples. Pois, apesar do DF ter uma realidade socioeconômica elevado comparado a outros estados do Brasil, ainda há muitas crianças e adolescentes que são de família e regiões carentes.

O primeiro impacto que a pandemia trouxe na educação do DF foi que por mais que houvesse plataformas digitais para as aulas remotas, de nada adiantaria se os próprios alunos não poderiam acessar, pois não proviam de meio para tal

realização. E isso são reflexos de uma má gestão da educação ao longo de todos os anos, onde não foram realizados os investimentos necessário em infraestrutura das escolas e na aquisição/manutenção de equipamentos tecnológicos. (NAKATA, 2020, p. 78)

O segundo impacto e não menos importante, é a desvalorização dos profissionais da educação que carecem de investimento na sua formação continuada (NAKATA, 2020, p.79). A pandemia deixou evidente o quanto a formação continuada de professores e seu aperfeiçoamento para o uso de tecnologias era escasso, apesar da disponibilização de cursos de aperfeiçoamento voltados para educadores nesse período de pandemia. A formação deveria ser contínua, o estudo deveria seguir um ritmo e não exigir de professores que aprendessem em um curto prazo a utilizar recursos tecnológicos, pois além disso muitos professores não dispunham de equipamentos e nem ambiente adequado em suas residências para elaboração de aulas online, esse problema não é restrito ao Distrito Federal, mas a todos os Estados brasileiros.

A construção do conhecimento está relacionada ao meio em que o estudante está inserido (NAKATA, 2020, P.79). Ou seja, nem todos os alunos dispõe de um lugar adequado para os estudos, sem contar que o aumento de abuso infantil aumentou drasticamente, visto que muitas crianças são vulneráveis dentro de sua própria casa e a escola tem um papel fundamental na intervenção destes casos. No entanto, como a escola poderia intervir na vida desses alunos sendo que muitos professores nem tinham contato com estas crianças?

Esses foram alguns dos problemas que impactaram tanto a Educação no DF quanto em outras regiões do Brasil.

### **3.4 Orientações do DF para o ensino não presencial**

A Secretaria de Estado de Educação, por meio do programa Escola em casa DF disponibilizou orientações tanto para alunos quanto para professores sobre o retorno das aulas de modo não presencial para o ano letivo de 2020.

Nas orientações encaminhadas ao aluno, há apenas um arquivo com 10 tópicos de orientação básicas de como o aluno deve organizar seu ambiente de estudo



e se programar para realizar as atividades programadas pelo professor. Não há nenhuma orientação para alunos com especificidades ou alunos que não tem acesso à internet. A orientação é voltada apenas para alunos em um cenário ideal de possibilidade.

Já para professores, há alguns documentos de orientação de retorno as aulas remotas. Abaixo uma planilha com os documentos disponibilizados pela SEEDF:

- Aprendizagem e Tecnologias Remotas – Catálogo de Apoio à Aprendizagem e ao Ensino Remoto
- FAQ – Ed. Infantil – Orientações para a avaliação do 1º bimestre
- Guia Anos Iniciais – Orientações para Atividades de Ensino Remoto
- Guia para acolhimento à Comunidade Escolar no contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais
- Organização do Trabalho Pedagógico da Educação em Tempo Integral para atividades não presenciais na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal
- Orientação para as aulas por meio de atividades não presenciais – Aos professores
- Orientações para a organização do trabalho pedagógico da Educação de Jovens e Adultos na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal
- Plano Estratégico para Continuidade das Atividades Pedagógicas Não Presenciais da Educação Profissional e Tecnológica
- Plano Pedagógico de Atividades Híbridas para o Retorno das Escolas do Campo da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal
- Plano Pedagógico para Realização de Atividades Não Presenciais ou Híbridas nos Núcleos de Ensino das Unidades de Internação Socioeducativas
- Plano Pedagógico da Educação Especial para Atividades não Presenciais na Rede Pública de Ensino Do Distrito Federal

Todos estes documentos foram disponibilizados pela SEDF voltados para professores da rede pública com o objetivo de orientar o trabalho pedagógico no contexto de educação remota. Para os professores, há um referencial maior de

conteúdos comparado ao dos alunos, sendo assim, esse material se torna mais completo dentro da necessidade que a secretaria aponta.

## 4 EDUCAÇÃO INOVADORA EM UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

### 4.1 Eixos para educação inovadora

É dentro desse cenário de pandemia onde a educação teve de ser reestruturada que iremos pensar em como as instituições de educação que propõem uma educação inovadora com objetivo de formar integralmente indivíduos que sejam sujeitos ativos para modificar a sua realidade social deve disponibilizar a estes alunos conhecimentos necessários para esta educação significativa.

Edgar Morin (1999) enumera saberes necessários à educação do futuro que não estão ligados a saberes que são ofertados em instituição de ensino formal visto que estas instituições não fornece uma base sólida de conhecimentos necessário para a formação do sujeito, pois estão focadas no desenvolvimento parcial do indivíduo, dispondo apenas de conteúdos disciplinares existente no currículo de forma isolada, de modo que a educação não seja significativa para a vida do aluno e ocorra de forma fragmentada.

A educação deve ser interdisciplinar, pois deve relacionar os diferentes conteúdos as diversas disciplinas de forma que perpassa por temas relevantes do cotidiano do aluno, de forma que a educação seja pertinente. Como a educação ofertada em instituições escolares é fragmentada a educação não se estende ao contexto social que o aluno está inserido, o que afeta as conexões que o aluno deverá estabelecer para relacionar os conhecimentos adquiridos.

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. (MORAN, 2006, p. 2).

Sendo assim, esta complexidade é desconhecida pela educação, fazendo com que a disposição dos conteúdos seja por meio de disciplinas que não compreendem o que é o significado de ser humano. Com isso o discente reconhece que os conteúdos dispostos pela escola não fazem parte de sua realidade, fazendo

que o processo educativo se torne vago. Portanto, o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar, é essa capacidade que deve ser estimulada e deve ser desenvolvida pelo ensino de ligar as partes ao todo e o todo às partes (MORIN, 1999, p.4).

Conhecer o ser humano, deveria ser a base de toda a educação. Pois, as escolas devem ensinar estes alunos a se sentirem pertencentes do local onde vivem, da sociedade e do mundo no geral, para que tenham conhecimentos fundamentais para entender a própria história, e a história da humanidade e como as ações implicam no futuro. Deste modo, é necessário a tomada de consciência da complexa identidade humana individual e a identidade comum a todos os seres humanos.

A educação deve se perpassar por três elementos essenciais para a formação integral do indivíduo, sendo ele psicológica, social e biológica que fazem parte da nossa constituição enquanto seres humanos imersos na sociedade. Essas unidades devem ser desenvolvidas de formas distintas, no entanto é necessário que haja relação e conexão entre elas pois para que haja desenvolvimento social é necessário o desenvolvimento dessas unidades. Desta maneira, o autor Morin (1999, p.4), irá afirmar que a realidade humana é trinitária, e que essa realidade é desconhecida pelas escolas, já que as mesmas não trabalham de forma a desenvolver todo o conjunto entre indivíduo-sociedade-espécie.

Partindo dessa falta da compreensão das instituições sobre a complexidade humana, o contato humano por consequência está afetado, ou seja, após entender que os aspectos da individualidade humana são necessários para que o indivíduo reconheça sua própria essência, só é possível compreender o outro a partir do momento que se desenvolve os aspectos individuais. A compreensão humana está ligada a forma como o indivíduo se identifica com a realidade do outro e tenha empatia pela sua realidade, e esta relação é fundamental para a comunicação humana. Por isso:

(...) é importante este quarto ponto: compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se auto-examinar, de analisar a auto-justificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos. (MORIN, 1999, p.4)

Esta compreensão está cada vez menos frequente na sociedade, por consequência disso temos o aumento alarmante da violência que cada vez mais

atinge os jovens, assim como a discriminação e o racismo, pois a sociedade frequentemente afirma a rejeição ao próximo promovendo o egoísmo e como resultado a indiferença, o que dificulta o estabelecimento de conexões com o outro. O contato com as pessoas de diferentes classes, etnias e fora dos padrões não convencionais ensinam a perceber o mundo através de outra dimensão. Por esse motivo, é tão necessário que a educação organize seu currículo de forma a propor uma educação que trabalhe o respeito ao próximo, a empatia e o autoconhecimento visando o bom convívio social. A escola deve estabelecer essa mediação, propondo estes princípios de modo a formar o aluno em sua integralidade, partindo da autocompreensão.

É com o autoconhecimento que o indivíduo aprende a lidar com as incertezas da vida cotidiana e sua realidade social, pois é notório que crianças que não desenvolvem essa base psicológica se tornam adultos frustrados que não sabem lidar com os diferentes caminhos que suas decisões podem levar. É fundamental romper esse círculo para aprender a lidar com as dificuldades e atravessar os obstáculos que estarão presentes na vida social.

É necessário tomar consciência de que as futuras decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem. (MORIN, 1999, p.10)

O professor tem um papel fundamental nesse processo nomeado de Pedagogia da incerteza. Na medida que, nesta pedagogia o professor não deve fornecer de forma pronta o conhecimento ao aluno como uma verdade absoluta e imutável, mas sim é necessário que ele ensine o aluno a questionar todas as respostas que são ditas prontas, pois preparar o aluno com certezas e não com incertezas não os prepara para a vida. (MORAN, 2006, p.7)

A construção do conhecimento através das incertezas é acreditar que a educação se consolida através do processo e da subjetividade, não permanecendo com o olhar voltado apenas para um saber, mas explorando todas as possibilidades postas e criando situações e desafios de forma que o aprendizado seja adquirido através das experiências.

Para que esse ambiente de aprendizagem se constitua, é necessário a afetividade na relação pedagógica. Escolas que apresentam em seu espaço a afetividade como eixo transversal promovem a união entre alunos e professores facilitando o diálogo e desenvolvendo as potencialidades de cada discente dentro de suas possibilidades e limitações. (MORAN, 2006, p. 9). Para isso, é necessário que a escola pratique a pedagogia da compreensão e da autonomia contra a rigidez das relações, da falta de comunicação e da desconfiança. A partir do momento que a escola desenvolve tais aspectos ligados a afetividade, há o desenvolvimento da autoconfiança e fortalecimento de autoestima não apenas de alunos, mas também de professores que irão acreditar que é possível educar no contexto de afetividade.

Outro aspecto importante para o desenvolvimento integral do indivíduo é a chamada condição planetária. No processo de globalização os acontecimentos que ocorrem em diferentes partes do planeta estão conectados, e todos os indivíduos apesar de serem únicos vivem em conjunto, e suas atitudes influenciam um ao outro e ao ambiente em que vivem. Sendo assim, é necessário que escolas estabeleçam um ambiente de aprendizado de forma a sistematizar a construção de uma consciência planetária, para mostrar que a humanidade vive agora uma comunidade com destino comum (MORIN, 1999, p. 11).

A educação deve ter um foco não apenas no nível pessoal, mas também no coletivo para o desenvolvimento social e que os alunos se tornem sujeito mais engajados atrás de uma sociedade mais justa e igualitária. A ética não deve apenas ser apresentada como disciplina e permanecer no campo da imaginação, mas é fundamental que seja um tema transversal voltada para vivência e a prática. Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos". (FREIRE, 1996, p.17).

É fundamental que a escola reconheça que alunos são indivíduos dotados de direito e que devem também cumprir seus deveres sociais perante a sociedade de forma ética, no entanto esse processo só é possível com a intervenção no processo de aprendizado destes alunos, formando estes para atuar na sociedade como agentes transformadores.

Tendo em vista o contexto pandêmico a qual a sociedade vem passando, todas as instancias da sociedade tiveram de se organizar e se adaptar à nova realidade. Com a educação, isso não foi diferente. Com a pandemia a pedagogia tradicional não era mais possível, foi necessária se pensar em uma nova forma de ensino-aprendizagem que fosse possível dentro das possibilidades e limitações – ainda que estas reflexões já tenham sido realizadas por diversos agentes da educação. No entanto, adaptar a educação apenas no meio tecnológico não é pensar em uma educação diferente, é manter a educação como tal apenas em formato remoto. É fundamental reestruturar o processo de ensino-aprendizagem de modo que a afetividade esteja presente, e não apenas dispor de conteúdos programáticos para responder a necessidade educacional. Professores devem se planejar de modo a atender alunos que perderam entes queridos, e estão passando por esse processo de luto. A pandemia e suas consequências dá medo, sendo assim é imprescindível um ambiente de acolhimento desses estudantes.

Sendo assim, professores devem recorrer a formação continuada não apenas para domínio de recursos tecnológicos, mas também para utilizar estes meios a favor de uma educação para a transformação, visto que a tecnologia já está presente em todos os campos da sociedade e a educação deve utilizar deste meio para fazer um ensino mais integrado, comunicativo, participativo e inclusivo para que ocorra a mudança da perspectiva atual conservadora e fragmentada do ensino dos alunos. Que seja uma educação de sentidos.

Será necessário que construam um percurso onde não haja apenas uma trilha a percorrer, mas que está trilha tenha diversas ramificações que dê a possibilidade de chegar a diferentes lugares e ao acesso a diferentes formas de saber. Que neste caminho seja possível que o aluno usufrua do aprendizado com o próximo e que tenha a oportunidade de conviver com o diferente, que haja a possibilidade do diálogo e das diferentes formas de enxergar o mundo através de diferentes óticas, que seja mais inclusiva e participativa e que haja um equilíbrio social e individual. Haverá muitos caminhos, mas todos eles levarão os alunos à sua autonomia.

Uma educação inovadora se faz com a participação democrática dos diferentes integrantes da educação, de modo que desenvolvam uma pedagogia mais flexível, integradora e que valorize as experiências interdisciplinares dos educandos de modo que saibam lidar com as situações sociais, políticas e econômicas presentes

na sociedade. Estes são alguns dos eixos para uma educação inovadora que com o apoio das tecnologias, poderão atuar para a transformação da coletividade.

#### **4.2 Projeto Autonomia: uma vivencia em extensão.**

O projeto “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras – Projeto Autonomia” é um projeto de extensão ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE UnB) em parceria com o Instituto de Psicologia (IP UnB), que tem como um de seus objetivos colaborar com a formação dos graduandos de modo que construam um pensamento crítico sob a prática educativa nas escolas. Deste modo, este é um espaço de diálogo para o processo de se fazer uma educação inovadora.

O Projeto Autonomia tem como outro objetivo propor uma educação para a democracia com foco no desenvolvimento integral do aluno valorizando a curiosidade e as experiências individuais e coletivas dos educandos e educadores em oposição a uma pedagogia tradicional e tecnicista que não valoriza o sujeito e que contempla um ensino fragmentando desenvolvendo alunos apenas para o mercado de trabalho para “aprender a fazer”.

O processo ensino-aprendizagem se organiza a partir da construção de um ambiente de aprendizado onde educadores podem proporcionar aos educandos condições para a socialização entre todos os agentes educativos para que todos se reconheçam como um ser histórico-social, que tem individualidade, pensa, crítica, que tem sonhos e que são agentes transformadores da realidade social.

O projeto autonomia surge no desejo de colaborar para que o estudante adquira o conhecimento de forma autônoma e democrática. Desta forma, com as transformações vividas pelos sujeitos, o condutor das ações de educar serão as próprias crianças, baseada no conhecimento de suas possibilidades, na capacidade de optar conscientemente e responder por estas ações. (BORGES, 2012, p.24).

O documento norteador deste projeto contempla os ideais pedagógicos da Associação de pais e educadores da Vivendo e Aprendendo uma escola localizada na 604 Norte e da Escola da Ponte idealizada por José Pacheco em Portugal. O



projeto surge da ideia inicial de questionamentos pautados de educadores e pais dos alunos acerca da realidade atual da educação que não formava o aluno em sua integralidade, sendo assim, propunham um diálogo aberto a respeito da educação numa perspectiva de prática para liberdade.

A partir desse ideal de educação, o Projeto Autonomia assumiu alguns pressupostos para o norte do desenvolvimento do projeto. O primeiro princípio se refere ao ideal de inclusão (BORGES, 2014, p.25), sendo que a inclusão não se limita a alunos com especificidades educacionais, mas inclui também todos os alunos e suas características individuais. Todos têm direito a educação, e ninguém deve ser excluído por sua cor, raça, etnia, orientação sexual ou religião. A escola deve ser um espaço plural de acolhimento de todas as realidades e todas as experiências, histórias e vivências que cada aluno traz consigo, pois, o ambiente se torna rico em aprendizado onde cada um aprende com o outro a partir da interação.

O segundo princípio, diz respeito ao nome deste projeto: autonomia (BORGES, 2014, p.25). Como já dito, o aluno deve ser sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, não absorvendo o conhecimento que lhe é apresentado como verdade absoluta, mas que tenha a capacidade de questionar, argumentar e interpretar. O professor desempenha uma função importante nesse processo, pois o mesmo deve planejar suas aulas de modo a estimular que os alunos participem ativamente das aulas para que desenvolvam o senso crítico ao contrário da educação bancária que enxerga o aluno como um banco, na qual deposita-se apenas conhecimentos fragmentados. A educação problematizadora é uma maneira de fazer com que alunos se reconheçam como parte da sociedade, mas que não se conformem com a realidade imposta. Como apontado por Freire (1996) “ Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No entanto, não é possível um ambiente que seja inclusivo e proporcione o debate sem que nele não haja o sentimento de solidariedade (BORGES, 2014, p. 26). Este terceiro princípio tem como objetivo a formação humana de forma a promover a harmonia, cuidado e empatia nas relações sociais. Por isso, a escola deve organizar atividade que estimulem os alunos ao desenvolvimento da solidariedade e fortaleçam as relações interpessoais de modo a impulsionar atitudes solidárias. É fundamental que o ambiente escolar fortaleça a autoestima, pois a melhor forma do aluno respeitar

o outro é a partir da análise de si próprio, assim um ajuda o outro e todos trabalham de forma colaborativa e pelo bem comum.

A partir desses três princípios que embasam o Projeto Autonomia, por fim chegamos ao último ponto: responsabilidade (BORGES, 2014, p.26). Como resultado do processo educativo que visa a autonomia do estudante, o mesmo irá assumir sua responsabilidade social diante da sociedade, de tal forma que reconheça seu potencial transformador para mudar sua realidade e da comunidade a sua volta.

Hoje, o Projeto Autonomia tem pouco mais de 10 anos de muita história e contribuição para a formação dos alunos da universidade assim como de professores das escolas participantes e da comunidade, o projeto é aberto a todo público que deseja pensar em uma educação para transformação.

Os participantes em sua maioria são estudantes do curso de pedagogia e psicologia entre outras áreas. O projeto é ofertado pela faculdade de educação com vinculação aos projetos 3 e 4 já integrantes do currículo do curso de licenciatura em pedagogia. Os encontros são realizados semanalmente para realização de discussões das experiências vivenciadas pelos alunos nas escolas que fazem parceria com o projeto. Além do debate dessas experiências, a mesa sempre está aberta ao diálogo sobre os acontecimentos na sociedade que impactam diretamente a educação.

Durante todos esses anos, muitos alunos e professores participaram das reuniões e tiveram a possibilidade de aprender e construir na coletividade uma nova prática educativa com o objetivo de auxiliar no processo de desenvolvimento da integralidade do aluno para a autonomia a partir de uma educação problematizadora que questiona a realidade imposta.

## **5 EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL INOVADORA EM PANDEMIA: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ASSOCIATIVA VIVENDO E APRENDENDO**

### **5.1 Escola Vivendo e Aprendendo – Breve histórico**

A Escola Associativa Vivendo e Aprendendo é uma instituição privada de natureza associativa, localizada na SGAN 604, Conjunto C, Asa Norte – Brasília – Distrito 10 Federal, CEP. 708301-53. A Escola destina a oferta das etapas, Educação Infantil – Creche e Pré-Escola e Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Tendo como mantenedora a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, entidade sem fins lucrativos, CNPJ 00.686.246/0001-69.

A Escola Vivendo e Aprendendo surge a partir da luta de pais e educadores que propunham uma educação pautada na construção da autonomia do aluno com o objetivo de educação para a democracia, se contrapondo aos modelos educacionais da época que tinham um viés educacional militar e hegemônico, não reconhecendo a singularidade dos sujeitos.

Sendo assim, a escola se torna ao longo desses anos um espaço de acolhimento onde crianças e famílias além dos educadores e a comunidade escolar tem suas potencialidades reconhecidas como agentes da construção pedagógica, que contribuem com seus saberes e sua história a partir do diálogo contribuindo para o desenvolvimento do coletivo promovendo o fortalecimento da gestão democrática.

Tendo como principal objetivo uma educação inovadora para prática da democracia, está escola foi e é reconhecida como referência em uma educação para a formação integral de alunos da educação infantil e fundamental, sendo reconhecida tanto pelo Ministério da Educação quanto por faculdades e universidades, em especial a Universidade de Brasília a quem conta com parceria do Projeto de extensão Autonomia. Com isso, a escola se torna referência principalmente para estudantes de licenciatura que buscam uma nova visão sobre uma educação contrária a tradicional.

Em 14 de janeiro de 2016, a Escola Associativa Vivendo e Aprendendo foi reconhecida oficialmente pelo Governo Federal como instituição de

referência em Inovação e Criatividade na Educação Básica, com certificado conferido pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC). (Vivendo e Aprendendo, 2020, p.4).

Mas, não é apenas sua proposta inovadora quem encanta, mas também o ambiente físico da escola, pois conta com salas coloridas com um ambiente envolto do verde da grama e das árvores, que possibilita que a criança da educação infantil ao ensino fundamental tenha a possibilidade de brincar neste lugar natural e se desenvolver além da sala de aula. A escola ainda, é indicada por profissionais da saúde para o acolhimento de crianças com necessidades educacionais especiais por conta de sua prática educativa inclusiva.

A escola desde o início de sua fundação se inspira na pedagogia de Paulo Freire, onde tem por objetivo romper com a homogeneização do ensino assim como sua proposta de currículo fragmentado muito comum no período da ditadura militar. Todo norte da pedagogia proposta na escola se embasa em um viés do movimento construtivista em pesquisas da psicologia do desenvolvimento, defendendo a ideia de autoaprendizagem em que o aluno é participante do seu processo de aprendizagem e que o ato de aprender está ligado diretamente no fazer, ou seja, a criança tem de aprender a aprender “como prática de liberdade” (FREIRE, 1977).

A escola se tornou um espaço privilegiado de transformação da educação, onde estão presentes alunos, responsáveis, educadores e comunidade além de pesquisadores da área educacional que contribuem para que o aprendizado das crianças esteja pautado em uma prática diária e não apenas vinculado a teoria, pois a educação deve ter um sentido prático para a vida. Desta maneira, a escola se entende como uma prática para vivência que atravessa os espaços físicos de sala de aula, indo além da mera escolarização, pois a dimensão educativa é mais ampla sendo necessária para o desenvolvimento efetivo do cognitivo, corporal e socioemocional de cada aluno.

A Proposta Pedagógica da Escola Associativa Vivendo e Aprendendo busca resgatar o sentido humanista e libertador do planejamento, sem deixar de contemplar seus fundamentos em práticas sistemáticas e científicas que contribuam para uma educação que potencialize elementos considerados vitais para a comunidade. (Vivendo e Aprendendo, 2020, p.5)

O projeto pedagógico da escola visa proporcionar o aprendizado do aluno através da vivência com o coletivo, respeitando à individualidade de cada criança no que se refere ao seu processo de aprendizagem valorizando seus conhecimentos, saberes, competências, direitos e expectativas futuras próprios da idade de cada criança.

Além de valorizar os aspectos humanos no processo de ensino, a escola sistematiza os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade de forma crítica no intuito de refletir sobre o modo como tais conhecimentos são apresentados para que de forma articulada com o ideal de educação para a democracia possam promover uma constante inovação para uma educação inovadora.

Para que essa prática forme o aluno em sua integralidade, a escola Vivendo e Aprendendo se baseia em alguns fundamentos teóricos, para que este processo de ensino-aprendizagem seja efetivo. O primeiro se refere ao fundamento epistemológico da visão à cerca **do ser humano e de meio ambiente** e seus impactos no processo educativo onde a escola reconhece que sua existência na sociedade e sua compreensão do ser humano e do meio ambiente ocorre mediante a valorização do coletivo. Sendo assim, a coletividade passa a ser objeto da educação e a sala de aula passa a não ser mais o centro do fazer educativo.

Com as devidas adaptações para o contexto brasileiro e contemporâneo, a Escola Associativa Vivendo e Aprendendo é, antes de tudo, locus de educação e de formação democráticas, em que o espaço escolar é parte evidentemente relevante e central, mas não se resume a isso, por ser ponto de irradiação de construção de uma cultura inclusiva, dialógica e de permanente debate e constituição intersubjetiva. (Vivendo e aprendendo, 2020, p.7)

Desta maneira, está escola compreende a sociedade, o conhecimento e a formação humana a partir do diálogo entre os elementos internos e externos que compõem o contexto educativo, entre elas o resgate dos valores comunitários onde a comunidade colabora na formação dos alunos e que neste processo de colaboração a educação se concretiza como uma ferramenta de libertação em que contribui para o combate da precarização dos direitos sociais e políticos e a fragilização das relações de trabalho entre outros elementos internos e externos a escola. Com isso, só se torna possível que a educação seja uma prática para liberdade e proporcione uma boa

formação aos alunos se as conjunturas sociopolíticas e culturais estiverem em permanente interface dialética com as dinâmicas associativas da comunidade (Vivendo e Aprendendo, 2020).

O segundo fundamento que a escola se embasa é a filosófica em relação a **concepção de educação**, onde compreende que a cidadania é um dos princípios fundamentais para a educação de valor, visto que é a partir dessa prática que crianças se tornam adultos conscientes com práticas sustentáveis que impactam de forma positiva a sociedade tornando-os plenos na capacidade conviver e gerir em sociedade. Outros valores também se fazem presentes nessa filosofia, como a solidariedade, compaixão, empatia, cooperação e respeito.

A Escola Associativa Vivendo e Aprendendo fundamenta-se em um processo de construção e reconstrução permanente, no qual há a busca pelas vivências associativas, pela autogestão, pela marca da coletividade — com respeito por cada sujeito —, pela inclusão, pela solidariedade e pela democracia. (Escola Vivendo e Aprendendo, 2020, p.8).

Apesar da escola seguir está corrente de construção e desconstrução da prática educativa, isso não significa que apresente ausência de rotinas ou metodologias, uma vez que para que o processo de educação seja organizado, deve haver uma sistematização e planejamento por parte dos educadores tendo como base os documentos oficiais de educação, como as diretrizes, referências e parâmetros curriculares da educação básica.

Além disso, a escola tem por objetivo romper a prática de mera escolarização com a finalidade única de certificar os alunos sem que a educação seja significativa, reproduzindo as desigualdades sociais e fazendo com que alunos sejam agentes passivos na sociedade. Para romper com este ciclo, é necessário que a escola seja um espaço de diálogo, onde a singularidade de cada um é valorizada e que cresçam e se desenvolvam em seu individual, mas que também caminhem junto em coletivo para um bem maior: transformar a sociedade.

O fundamento ético-pedagógico está vinculado a **concepção de escola**, onde a instituição compreende que a escola não é descolada da comunidade e, menos ainda, de seu entorno social e de seu tempo. (Vivendo e Aprendendo, 2020). Sendo ela vinculada aos valores, história e práticas da comunidade a qual está inserida, e

estes saberes não devem ser dispensados ou anulados mas devem ser valorizados e estar presentes no cotidiano do dia a dia em sala de aula, de modo que a escola não perca sua própria identidade e cultura, mas que a fortaleza através dessas interações sociais.

(...) quanto maior a interface dialógica entre, de um lado, escola e, de outro, famílias, comunidade e sociedade, puder ser incorporada no saber fazer associativo, melhor será a educação, melhor será a formação. Esse é um fundamento essencial que rege a concepção de escola da Escola Associativa Vivendo e Aprendendo. (Vivendo e Aprendendo, 2020, p.11).

Por tanto, a escola deve ser entendida como um espaço plural e democrático, onde os gestores escolares devem considerar a diversidade de pensamentos considerando a escola como um lugar de trabalho coletivo de produção e difusão de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, valorizando as diferenças o diálogo e a participação democrática.

O quarto e último fundamento, se refere ao **didático – metodológico** em relação a atuação do educador, onde a escola acredita que o professor tem o papel de garantir a partir de sua didática o estímulo as competências do aluno de forma articulada entre a teoria e prática de modo que desenvolva as habilidades cognitivas tornando-os críticos e reflexivos com pensamento independente.

Os/as educadores/as têm a função essencial de promover e dar vazão ao desejo infantil - entendido em sua dimensão psicanalítica - como ponto de partida para a inserção dos/as educandos/as em saberes sociais sistemáticos, consolidados culturalmente e debatidos segundo parâmetros dos saberes científicos (Vivendo e Aprendendo, 2020, p.12)

Sendo assim, a Escola Vivendo e Aprendendo apoia que o professor não deve apenas transmitir conhecimento, mas também considerar o interesse do educando sobre os assuntos de interesse que deseja adquirir para impulsionar a aquisição de novos saberes. A sala de aula é um espaço aberto para novas descobertas, indagações e curiosidade dos alunos e o professor deve estar aberto para a construção de novos saberes, pois segundo Paulo Freire “ saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2003, p.47).

A Escola Vivendo e Aprendendo conta com as valores e princípios que norteiam sua prática educativa que são indissociáveis a missão da escola, entre eles o **associativismo** que se refere a colaboração das famílias junto a escola para a construção de uma escola inovadora, visto que desde seu princípio foi através dessa prática de a escola foi construída. Com isso, a **diversidade e pluralidade** de ideias se fazem presentes já que só é possível construir através da colaboração e de diferentes vozes fortalecendo assim a **gestão democrática** a qual a escola se rege para a tomada de decisões e a escolha de seus gestores.

Com isso, cada pessoa na escola tem **autonomia** para participar de todo o processo de decisão e escolhas contribuindo assim para a construção de autonomia de cada aluno. A **ludicidade** faz parte de todo processo educativo na escola, pois é por meio das brincadeiras, das festas e da interação que os saberes são concretizados através do lúdico.

Os últimos dois princípios se referem ao afeto e a responsabilidade. Para que o processo educativo seja efetivo e que seja uma educação significativa na vida de cada criança é necessário que o **afeto** seja uma base sólida para as relações sociais, pois a partir do processo contínuo das vivências os laços afetivos são concretizados contribuindo para que o aluno se motive e se interesse pelo conhecimento. E por fim é necessário que responsáveis, educadores e alunos compreendam sua **responsabilidade** no processo de construção da escola, pois a escola só existe hoje por conta do envolvimento de todos que acreditaram que está escola é inovadora.

## 5.2 Diário de bordo – Uma experiência em educação inovadora na pandemia

O meu diário de bordo se concretizou a partir dos estágios obrigatórios que realizei no primeiro e segundo semestre do ano de 2021. Tentei de uma certa forma que o estágio fosse adiado o máximo possível, pois o ano de 2020 foi o ano que se iniciou a pandemia da Covid-19, e em todos os setores da sociedade ocorria uma corrida contra o tempo para a organização e um trabalho de reestruturação para a continuação das atividades. A Educação estava um caos. Tudo era incerto, e eu sabia que por conta dos decretos não poderia realizar o estágio de forma presencial, mas sim no ensino remoto, e eu tinha um desejo imenso em estar em corpo físico em sala



de aula, sentir o ambiente, ter contato com as crianças e poder fazer parte do processo educativo. Infelizmente não foi possível.

Mas, hoje analisando toda a minha trajetória depois da realização de 240h da carga horária total exigida dos estágios que realizei de modo remoto, percebo que eu não poderia ter tido uma experiência melhor, eu estava no lugar que deveria estar, e essa experiência não me ensinou apenas a como ministrar uma aula ou planeja-la em situação atípica, mas também me ensinou sobre o quanto o acolhimento e o afeto nesses momentos sensíveis fazem a diferença na vida das crianças e da família. E eu pude estar presente para vivenciar.

A escola escolhida para realização do estágio, foi a Vivendo e Aprendendo, e a escolhi através do projeto de extensão autonomia que me apresentou algumas escolas com perspectivas inovadoras e a partir da curiosidade de conhecer uma proposta de educação diferente da tradicional, decidi que essa seria uma escola ideal para ter minha experiência pedagógica.

O início do primeiro estágio foi bastante burocrático, já que a escola estava se organizando para iniciar o ano letivo dos alunos e neste momento ocorria a transição dos pais que optaram que seus filhos retornassem para o ensino presencial e os que decidiram permanecer no ensino remoto. Organizar o planejamento pedagógico para estas condições foram desafiadoras. A turma estava composta por 18 alunos, sendo que 7 se encontram no ensino presencial e 11 no ensino remoto. Por se tratar de uma turma multiseriada com o 3º, 4º e 5º ano, contava com o apoio de 2 professores regentes e 1 estagiário. Uma professora permanecia com o trabalho em casa ministrando a aula para os alunos do remoto e o professor e o estagiário permaneciam em sala de aula ministrando no presencial. Uma vez por semana todos os alunos eram reunidos através da vídeo conferência. Esses encontros entre toda a turma eram sempre animados, pois os alunos interagiam bastante e sempre houve muito afeto entre todos, e principalmente saudade. Saudade dos colegas que ainda não conheciam ou daqueles que já se conheciam, mas que não podiam estar juntos em presença física. Era extremamente animador quando as crianças vinham relatavam que os seus familiares estavam se vacinando, e todas reconheciam a importância da vacinação, sempre festejavam ao contar sobre.

Percebi nesse primeiro estágio que apesar das crianças estarem distante uma das outras, as aulas eram momentos mágicos para compartilhar suas experiências e para aquisição de novos saberes. Os professores sempre sensíveis para ministrar as aulas, mas também para acolher os alunos nesse momento difícil que se encontravam.

Foi nesse primeiro momento, que percebi que a escola com seu objetivo de uma educação para liberdade, desenvolvia um trabalho bastante articulado para chegar ao seu êxito. Professores sempre atentos ao interesse da criança e desenvolvendo as aulas a partir deste interesse prévio, sem se desvincular dos conteúdos previstos para a série, mas os articulando. O ambiente de aprendizado se torna assim muito agradável, por esse motivo as crianças são muito interessadas e tem ânsia de aprender algo novo, de descobrir o mundo e de fazer diferença.

Finalizei esse primeiro estágio já com saudade das crianças, e da receptividade calorosa de todos os dias. Foi uma despedida muito bonita, com desenhos, poemas e declarações onde as crianças agradeceram a minha presença. Foi sem dúvidas muito importante para minha formação.

Já no segundo estágio, tive a oportunidade de estar em presença de alunos do 1º ano do EFI, no entanto tendo em vista que este estágio ocorreu já no segundo semestre do ano de 2021, a escola que no início passava pela transição de retorno ao presencial, nesse segundo semestre contava com poucos alunos no remoto. Sendo assim, essa turma tinha 13 alunos, no entanto apenas 3 crianças no remoto, a qual os pais não apenas por motivos de pandemia decidiram que seus filhos continuariam no remoto.

Das duas experiências que tive, sem dúvidas essa foi a mais peculiar. Por ser alunos com a faixa etária de 6 e 7 anos, os encontros duravam cerca de 1h por dia, e as aulas vez o outra eram ministradas por estagiários. Por haver poucos alunos os encontros não tinham características de aula, mas sim de estudos dirigidos com conteúdo direcionado. Por um lado, essas aulas apresentam um ponto positivo, pois era possível direcionar a atenção aos 3 alunos de uma forma mais fluída lhe dando a devida atenção. Por outro lado, é essencial que crianças convivam com seus pares para o desenvolvimento pessoal, e por haver poucas crianças as vezes a interação era quase nula, o que fazia com que as aulas ocorrem de forma muito tranquila.

Já para o final do estágio, dois dos 3 alunos começaram a faltar por muitos dias, e apenas uma aluna frequentava a aula. Essa criança tinha algo muito especial. Era uma criança muito comunicativa e muito curiosa, em muitas aulas sempre fazia perguntas reflexivas onde ou o professor ou estagiários iam atrás de mais informação para auxiliar nesse processo de descoberta.

Um certo dia, essa aluna disse que tinha inventado uma brincadeira, e essa brincadeira até hoje mesmo passado meses ainda está presente em minhas constantes reflexões. Ela havia criado o dia da “pessoa especial”. O dia da pessoa especial é um dia dedicado exclusivamente para uma pessoa que ela goste muito, onde ela iria agradecer a pessoa com as coisas que mais gosta e ficaria o dia inteiro junto a ela, em sua lista já tinha muitas pessoas, até mesmo seus animais de estimação. Eu achei esse processo criativo tão surpreendente que pensei como seria se nós adultos fizéssemos o dia da pessoa especial daquelas que fazem a diferença para gente, o quanto esse dia se tivesse ocorrido para diversas famílias estas teriam aproveitado as coisas simples enquanto seus familiares e amigos estavam vivos. Não sei ao certo se essa aluna criou a brincadeira para lidar com alguma perda em sua família, ou se a criação surgiu por conta de ter presenciado o rastro da Covid nas diversas famílias do Brasil, mas sei que nesse dia essa criança me ensinou a valorizar os pequenos momentos e a presença de outra pessoa.

Foi uma despedida muito significativa tanto para ela quanto para mim, pois no último dia ela foi a única aluna que aparece e mesmo assim, não queria participar da reunião pois disse que não queria que eu fosse “embora”, mas que continuasse com ela nas aulas, afinal, eu era a única pessoa diferente e de fora e sempre brincávamos e fazíamos atividades interativas e isso era bastante divertido, era algo novo e diferente e isso despertou o interesse dela. Pude ministrar uma aula para ela com livros interativos, o que foi uma novidade e os poucos dias que estávamos juntas foi significativo.

E assim, no fim desse estágio aprendi o significado das coisas simples, e o quanto era importante aproveitar um tempo de qualidade com quem gostamos, o quanto é importante o contato com o outro e o quanto isso pode afetar a vida de uma criança. No fim do ano letivo, teria uma festa da cultura que seria tanto no presencial quanto no remoto, e fiquei muito feliz em saber que a aluna iria participar do presencial e por fim, iria conhecer todos os seus colegas e professores, e apesar de ter os

cuidados com os protocolos para evitar o contágio do vírus, ela poderia viver a experiência de retornar para a escola e crescer na coletividade com os demais.

Estagiar nessa escola em período remoto, foi um desafio. Não apenas para mim mas para todos aqueles que trabalharam dia após dia para fazer com que a educação desse certo, para que fosse garantido a cada criança o direito de aprender, mas de aprender com qualidade, com descoberta e com inovação. Apesar das limitações apresentadas nesses tempos incertos, a tecnologia pode trazer para perto quem está longe, para estas crianças o ideal não é um ensino 100% remoto, talvez, pudesse ser proposto para situações específicas, mas não para seguir o ano letivo. Criança precisa brincar, interagir, dialogar, opinar e descobrir o mundo com seus pares, e por esse motivo a escola é tão importante nesse processo de construção do indivíduo para o crescimento da coletividade.

Apesar do ensino remoto trazer a possibilidade de interação, os professores não utilizaram esta ferramenta de forma tradicional, apenas para apresentar conteúdos, mas dentro das possibilidades as aulas foram interativas, dinâmicas voltadas ao interesse da criança, reconhecendo estas como protagonistas do seu processo de desenvolvimento. A educação proposta não fugiu do proposto em seu PPP, mas sim, houve o desenvolvimento de uma educação para a prática da democracia, autonomia e liberdade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda sistematização sobre a pandemia da Covid – 19 no contexto da educação que é ponto de pesquisa inicial desse trabalho, é possível concluir que ainda não é possível mensurar os impactos causados na vida de cada aluno ingresso na educação básica no Brasil.

Sabe-se que a pandemia da Covid-19, fez com que todas as escolas e creches de todo o Brasil tivessem que fechar suas portas para evitar a disseminação do vírus devido a necessidade de se manter o distanciamento e isolamento social, pois durante um grande período não havia vacinas para fornecer a população, sendo necessário assim a colaboração de todos visando o bem da coletividade.

Mas apesar da necessidade de seguir os protocolos de segurança da Covid-19, foi necessário um movimento amplo para o retorno das aulas no formato remoto, e dentro das possibilidades de cada instituição, as aulas retornaram aos alunos. No entanto, foi possível notar as desigualdades sociais até então ignoradas, já que em muitos estados do Brasil, alunos não dispunham de acesso a meios básicos para o ensino remoto como internet e dispositivo para acesso as aulas, sendo esse apenas um dos problemas enfatizados pela pandemia.

Outro problema evidenciado, foi a precária formação de professores em todo o Brasil que trabalharam exaustivamente para manter o mínimo da qualidade do ensino e evitar o alto nível de defasagem educacional que já era previsto diante desse cenário e mesmo com as limitações formativas que foram salientadas, educadores e educadoras em todo o Brasil se esforçaram em tempo integral e dentro das possibilidades se desafiaram e foram criativos para superar as barreiras impostas.

O uso de recursos tecnológicos foram ferramentas essenciais para manter o ensino dos alunos, no entanto, será que apenas ter o domínio destas ferramentas é essencial para uma educação inovadora? Para uma educação significativa na vida do aluno? Uma educação que vise a autonomia e prática da liberdade? Uma educação acolhedora? Essas e outras perguntas ficam em aberto, como uma reflexão que cada educador deve se fazer durante a organização do processo educativo, não apenas por conta do cenário pandêmico, mas estes questionamentos devem fazer parte do dia a dia do professor para uma prática auto reflexiva do trabalho docente.

A Escola Vivendo e Aprendendo já realiza uma prática pedagógica pautada na construção da autonomia do aluno com o objetivo de educação para a democracia, realizando um movimento contrário ao modelo hegemônico e tradicional, no entanto, não há escola com prática pedagógica perfeita e acabada, em muitos momentos haverá contradições durante o processo educativo, mas a escola e professores permanecem confiantes no projeto de construção para proposta de uma pedagogia libertária.

Hoje, já em 2022, a pandemia se encontra em controle devido a vacinação da população, e assim, o ensino já se encontra em formato presencial. E esse é um momento fundamental para que escolas repensem sua prática pedagógica e gestores incentivem seus professores na construção da ação pedagógica garantindo assim que a gestão seja democrática e que a educação seja inovadora e transforme a vida de cada um dos alunos. Como diz Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

## 7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS

A partir de todo o percurso que trilhei durante a minha vida acadêmica, estou muito grata por estar concluindo meu curso de graduação em pedagogia na Universidade de Brasília – UnB e bastante animada e positiva para continuar com os estudos para trilhar novos caminhos e adentrar de forma profunda cada trilha que a educação ainda tem a me mostrar e me ensinar.

Tive o imenso prazer de ser aprovada no concurso para professor temporário da SEEDF no fim do ano de 2021, infelizmente não pude tomar posse do contrato por ainda não ter concluído a graduação, no entanto, essa aprovação me traz um sentimento de gratidão a todos os professores que me auxiliaram nesse processo. Essa aprovação não é uma conquista apenas minha, mas de todos aqueles que se unirão em apoio durante todos os anos do meu ensino básico a graduação, essa vitória não é apenas minha, mas de todos os profissionais e pessoas queridas que fizeram parte dessa luta comigo.

Hoje, finalizo mais uma etapa da minha vida, mas não irei para por aqui, afinal, como pedagoga não devo para jamais, é de extrema importância a continuidade dos estudos para proporcionar aos alunos que estão nas escolas um ensino de qualidade, e nós temos a ferramenta para essa mudança. Após a conclusão da graduação, pretendo assumir o contrato de professor temporário da Secretaria de Educação do DF - SEDF e logo após continuar meus estudos voltados ao concurso para professor efetivo. Pretendo não apenas fazer parte da Secretaria de Educação do DF – SEDF como professora, mas continuar os estudos, e no futuro ingressar no mestrado me permitindo me desenvolver profissionalmente em outros campos da educação que o pedagogo deve atuar.

Confio no percurso que trilhei até aqui, e o sentimento de contribuir para mudança da educação continuam vivos em mim, hoje mais do que nunca.

## 8 REFERÊNCIAS

BORGES, Juliana Carvalho Giroto. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA NA INFÂNCIA. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Disponível em: <[https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/10206/1/2014\\_JulianaCarvalhoGirotoBorges.pdf](https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/10206/1/2014_JulianaCarvalhoGirotoBorges.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2022.

BRASIL, Decreto nº 356, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em 27 jan.2022.

BRASIL, Lei nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em 28 jan. 2022.

BRASIL, OMS declara emergência de saúde pública internacional para novo coronavírus. **Governo do Brasil**, 30 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/01/oms-declara-emergencia-de-saude-publica-internacional-para-novo-coronavirus>>. Acesso em 27 jan. 2022.

BRASIL, Portaria MEC nº 345. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=603&pagina=1&data=19/03/2020&totalArquivos=1>>. Acesso em 31 jan. 2022.

DISTRITO FEDERAL, Coronavírus (Covid-19). **Secretaria de Saúde do Distrito Federal**, Brasília, 6 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.saude.df.gov.br/coronavirus/>>. Acesso em 28 jan. 2022.

FRANZÃO, Luana. Pesquisa aponta que 81% dos brasileiros com mais de 10 anos usam a internet. **CNN Brasil**, São Paulo, 18 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/pesquisa-aponta-que-81-dos-brasileiros-com-mais-de-10-anos-usam-a-internet/>>. Acesso em 2 fev. 2022.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 80 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LOPES, Laís. Pesquisa do IBGE revela que 4,1 milhões de estudantes da rede pública não tem acesso à internet. **Brasil 61**, Brasília, 26 abr. 2022. Disponível em: <<https://brasil61.com/noticias/pesquisa-do-ibge-revela-que-4-1-milhoes-de-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-acesso-a-internet-bras214687>>. Acesso em 31 jan. 2022.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. (RE)INVENTAR EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL EM TEMPOS DA COVID-19. **Revista Augustus**, [S.L.], v. 25, n. 51, p. 237-254, 3 jun. 2020. Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta -UNISUAM. Disponível em: <<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552>>. Acesso em 25 jan.2022.

MORAN, José Manuel. Bases para uma educação inovadora. **Universidade de São Paulo**, 2006. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/bases.pdf>>. Acesso em 6 fev.2022.

MORAN, José Manuel. Para onde caminhamos na educação. **Universidade de São Paulo**, v.7, 2005. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao\\_inovadora/caminhamos.pdf](http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/caminhamos.pdf)>. Acesso em 31 jan. 2022.

MORIN, Edgar et al. Os setes saberes necessários à educação do futuro. **Cortez Editora**, 2014. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>>. Acesso em 3 fev. 2022.

NAKATA, Cláudio Hiroshi. CORONAVÍRUS: como a pandemia escancarou a desigualdade e paralisou a educação no distrito federal. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 72-83, 14 set. 2020. Revista Nova Paideia. Disponível em: <<http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/44>>. Acesso em 26 jan. 2022.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**, [S.L.], v. 25, n. 51, p. 219-236, 3 jun. 2020. Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta -UNISUAM. Disponível em: <<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554>>. Acesso em 25 jan.2022.